



O 25 DE ABRIL

E O INCIDENTE DA FRAGATA "A.GAGO COUTINHO"

Depoimento de ROSA COUTINHO
(Almirante Ref.)

O levantamento das Forças Armadas, liderado pelo chamado "Movimento dos Capitães", em 25 de Abril de 1974, deu necessariamente origem a vários incidentes, um dos quais envolveu a fragata "Almirante Gago Coutinho", na época comandada pelo capitão-de-fragata António Seixas Louçã.

Este incidente foi talvez para mim próprio o mais desagradável, não só por envolver o Comandante Louçã a quem me ligavam fortes laços de amizade e camaradagem, aliados a uma grande consideração pelas suas qualidades como homem, como marinheiro e como militar, mas também porque a situação em que se viu envolvido, ter resultado indirectamente da indisponibilidade do navio que eu próprio comandava, a fragata "Almirante Pereira da Silva". Na realidade, se o meu navio não estivesse imobilizado no Alfeite, sujeito a um processo de reparações aceleradas a cargo do Arsenal, deveria ser ele, e não a Gago Coutinho, que na manhã do dia 25 de Abril estaria a sair para o mar, incorporado na força naval conjunta, de vários países da NATO, que durante os dias anteriores tinha permanecido, em visita prolongada, no porto de Lisboa. E se assim tivesse sucedido, e fosse objecto das mesmas solicitações, como teria reagido? De que informações poderia ter disposto para tomar a gravíssima decisão de ignorar ou desobedecer às ordens e instruções que lhe foram transmitidas pela cadeia hierárquica de Comando? Em verdadeira consciência não tenho resposta. Mas lamento sinceramente a infelicidade das circunstâncias que levaram o Comandante Louçã a ser tomado como bode expiatório, perante certa opinião pública e militar.

Detalhemos porém um pouco mais os antecedentes. Quando em fins do ano de 1972 regresssei de uma longa comissão de mais de oito anos em Moçambique foi-me entregue o comando da fragata Almirante Pereira da Silva, que ia entrar numa época de profundas reparações no Arsenal do Alfeite e numa quasi completa remodelação da tripulação, com vista a ser incorporada na primavera de 1974 na força internacional permanente conhecida pelo nome de STANAFORLANT que durante todo o ano, e dispondo de navios das várias marinhas da NATO, em rotação, efectuava exerci

...///...

cios em toda a área do Atlântico Norte e Mediterrâneo Ocidental, intervaladas com visitas de cortesia, com fins políticos, aos principais portos e bases navais dos países aliados.

A minha fragata, juntamente com os navios irmãos Almirante Gago Coutinho e Almirante Magalhães Correia eram escoltas da classe "Dealey" (americana) construídos em Portugal, ao abrigo de um acordo com os Estados Unidos, e embora o seu equipamento e capacidades já estivessem para a época um pouco ultrapassados (o planeamento das Dealey datava dos anos 50) constituíam mesmo assim excelentes navios, com boa capacidade para a luta anti-submarina e razoável capacidade anti-aérea. Eram assim, embora com limitações, o melhor que a Armada Portuguesa possuía neste campo e daí que todos os anos uma delas fosse atribuída, durante quatro ou cinco meses à STANAFORLANT.

Durante quase todo o ano de 1973 a Pereira da Silva sofreu um longo e doloroso processo de reparações no Arsenal do Alfeite (já nessa altura o problema de sobressalentes era um quebra-cabeças) até que finalmente, no fim do ano, iniciou as suas provas de mar e o treino e aproveitamento da sua guarnição, participando em pequenas manobras nacionais e internacionais. Tive nessa altura ocasião de apreciar o comportamento da fragata Gago Coutinho comandada pelo Com^{te}. Louçã e constatar o seu excelente nível de operacionalidade. E de estreitar com ele excelentes relações de amizade e camaradagem.

O capitão de fragata António Louçã era um ótimo comandante, rigoroso e exigente para com os outros e para consigo próprio, respeitado por toda a guarnição e mantendo o navio num alto nível de disciplina e eficiência. Politicamente era um democrata e republicano da velha guarda, nada afecto ao regime do Estado Novo, e com excelentes relações com os democratas mais velhos que, é preciso que se diga, constituíam o sector mais conhecido e prestigiado dentro da Marinha.

Se alguma coisa pode ser objecto de reparo, seria a seu relativo distanciamento em relação aos oficiais. Mas cada um tem o seu estilo de comando e há inevitavelmente sempre um conflito de gerações entre o Comandante e os seus oficiais. De uma maneira geral esse conflito é atenuado pela existência de um Oficial Imediato, de idade e posto intermédios, que acaba por ser uma espécie de "peão das nicas" e que, disfrutando simultaneamente a confiança do comandante e dos oficiais, con-

tribui para atenuar as diferenças de concepção e de comportamento existentes. Ora no caso da Gago Coutinho, o Imediato que era de resto um excelente oficial, era na época apenas Primeiro Tenente (e não um Capitão Tenente como a lotação do navio determinava) e portanto geracionalmente mais próximo dos oficiais, do que do comandante. Terá isso contribuído, juntamente com o comportamento distante do Comandante Louçã, para que no momento crítico da tomada de decisões na manhã do 25 de Abril, ele não dispusesse do mínimo de informações sobre o que se estava a passar a nível nacional? Considero-o altamente provável!

Terminado o adestramento do navio e sua guarnição, a fragata "A. Pereira da Silva" partiu em fins de Fevereiro de 1974 para Inglaterra, mais propriamente para a Escócia, a fim de tomar parte num vasto exercício internacional nos mares do Norte. O exercício, que envolveu grande número de forças navais e aéreas, incluindo um porta-aviões, decorreu muito bem e o navio e sua guarnição comportaram-se excelentemente. Mas nos dois últimos dias fomos apanhados por um forte temporal ao largo da Escócia ("gale" força 10) e embora a fragata tivesse mais uma vez demonstrado as suas excelentes qualidades nauticas (navios mais possantes foram obrigados a abandonar ou reduzir a sua participação) sofreu algumas pequenas avarias especialmente nos equipamentos montados no mastro e devidas à violenta surriada de mar, que acabaram por obrigar o navio a entrar em reparações aceleradas após a sua chegada a Lisboa.

Apesar da ausencia ter sido curta (menos de um mês) viemos encontrar um país diferente. Portugal e o Futuro tinha sido publicado e, em consequências, os Generais Costa Gomes e Spínola (heróis nacionais condecorados com a Torre e Espada) passados à Reserva. Organizou-se a manifestação de desagravo dos oficiais generais perante Marcelo Caetano que ficou conhecido dentro das Forças Armadas como o "beija-mão". Produziu-se o levantamento das Caldas que, apesar da organização precipitada e consequente insucesso, veio a demonstrar a impotência e desagregação do regime e da sinistra PIDE-DGS. As Forças Armadas, principalmente a nível dos oficiais mais jovens estavam efervescentes e disso me davam conta os meus oficiais, alguns dos quais, vim a saber mais tarde, pertenciam ao Movimento. Teriam feito o mesmo os oficiais da Gago Coutinho? Em face do distanciamento e dificuldade de relações que julgo ter existido, sinceramente duvido!

E foi nessa altura que o Estado Maior da Armada, perante a visita da força naval estrangeira, há muito tempo com datas de entrada e saída planeadas, e com exercícios e manobras navais previstas para depois da largada, e que se deveriam estender até à chegada ao Estreito de Gibraltar, decidiu substituir a participação programada da fragata Pereira da Silva, imobilizada por reparações urgentes, no Alfeite, pela da Gago Coutinho. Esse navio estava operacional e bem comandado e a escolha era óbvia.

Quanto a mim, com o navio temporariamente fora de serviço, foi-me reservado o papel de contacto, em nome do Comando Naval do Continente, com o Comando e navios da Força Internacional e colaboração com o Comiberlant, o que cumpri sem dificuldades.

Mas os acontecimentos precipitavam-se. Quatro ou cinco dias antes do 25 de Abril, fui procurado à noite em minha casa, pelo Comandante Victor Crespo que me comunicou que estava eminente o levantamento das Forças Armadas para derrubar o regime e por fim à Guerra Colonial. Deu-me a ler o Programa do Movimento e o Protocolo Adicional e convidou-me para, juntamente com o então Comandante Pinheiro de Azevedo, representar a Marinha na futura Junta de Salvação Nacional. Aderi imediatamente, embora calculando o risco que corria e ele comunicou-me que a data do levantamento ainda não estava marcada mas seria para breve e que eu seria avisado.

No próprio dia 24 fui novamente contactado pelo Com^{te}. Crespo que me informou do planeamento do levantamento para essa noite, e me informou das senhas a transmitir pela radiodifusão no caso de tudo se concretizar, e me perguntou o que contava fazer. Depois de me oferecer para tomar parte mais activa, o que ele não considerou conveniente, por toda a organização já estar montada, disse-lhe que estava escalado para chefiar o quarto da noite no Comiberlant em preparação para a saída da Esquadra Internacional no dia seguinte. Ele concordou que era o melhor. E foi assim que eu passei a noite de 24 para 25 no "bunker" do Comiberlant, inutilmente sentado a tomar conhecimento da provável localização de submarinos hostis na costa de Portugal. Quando às oito da manhã dei o quarto por terminado e regressei a casa, já tudo estava lançado.

Relatei estes acontecimentos com um certo pormenor porque sei que o Comandante Louçã, ficou de certo modo ressentido por eu, comandante do navio irmão e amigo pessoal, não o ter prevenido do que se ia

passar, dando-lhe assim a informação de que desesperadamente necessitava no momento crítico. Mas julgo já ter dissipado as suas possíveis dúvidas. Primeiro por que considerei as informações iniciais do Com^{te}. Crespo como estritamente secretas e delas não falei a ninguém, nem à minha própria mulher. E elas não incluíam a data do levantamento. Quanto às segundas, prestadas no próprio dia, eu só tive a certeza da operação estar em marcha quando ouvi o "E depois do Adeus" no Radio Renascença quando estava de partida para o Comiberlant. De resto, não tendo conhecimento do plano de operações, nunca poderia imaginar que a fragata Gago Coutinho, que na manhã do 25 de Abril deveria estar no mar em exercícios com a Stanaforlant, pudesse vir a ser envolvida em qualquer incidente; que só poderiam produzir-se a nível terrestre.

Por isto, e perante o conhecimento indirecto que tenho dos factos, é-me possível imaginar a situação dramática que se viveu na ponte da fragata Gago Coutinho a partir das 07.30 da manhã do dia 25 de Abril.

À cabeça de uma das colunas em que se dividiu a numerosa Força Naval, o navio descia o Tejo, perante a cidade a despertar para um dia que prometia simplesmente ser igual aos outros. O Comandante dava as suas ordens com a experiência de uma longa prática e na perspectiva de um dia de exercícios que seria naturalmente cansativo mas que, com a confiança que tinha em si, no navio e na sua guarnição iria naturalmente correr bem. Possivelmente, no Centro de Comunicações, oficiais ligados ao Movimento iriam acompanhando tanto quanto possível e em comunicação directa com o Q.G.do levantamento, instalado no Regimento de Engenharia da Pontinha, o desenrolar das operações. Mais meia hora de navegação, passada a Barra, e tudo teria corrido sem preocupações.

De repente, já com o navio a passar sob a Ponte, e através do intercomunicador VHF portuário, instalado na ponte de navegação o Comandante é chamado com urgência ao microfone. Ordem do Estado Maior da Armada. Para quem não conheça os procedimentos de comunicações navais é conveniente esclarecer que o VHF da ponte é um equipamento normalmente utilizado apenas para serviço portuário, comunicações com os pilotos, navios mercantes de passagem etc. A sua utilização em linguagem clara pelo posto do E.Maior é absolutamente extemporânea.

Surpreso o Comandante atende. E do outro lado, sem necessidade

...///...

de códigos nem senhas, pois a nossa Armada é pequena, reconhece a voz do Comandante Malheiro Garcia, um oficial do Estado Maior, que excitadamente lhe comunica que a fragata deve imediatamente abandonar a formação e regressar para a frente do Terreiro do Paço. Estas ordens irão ser confirmadas de viva voz pelo próprio Vice Chefe do E.M., Almirante Jaime Lopes, e depois ratificadas por escrito...

Sem hesitações, o navio comunica ao Comandante da Força que a vai abandonar, dá meia volta e começa a subir o rio. Entretanto o Almirante Jaime Lopes dá directamente as suas ordens ao microfone. A fragata deverá ocupar posição frente ao Terreiro do Paço a fim de intimidar uma força revoltosa do Exército que, incluindo blindados, está a ocupar aquela praça. E deverá mesmo preparar-se para abrir fogo! ..

A Gago Coutinho alcança rapidamente a posição frente ao Terreiro do Paço e começa a evoluir a alta velocidade em meio do intenso tráfico fluvial. De bordo, distinguem-se efectivamente algumas forças militares na praça, mas sem indícios de agressividade. Mas o Comandante Louçã debate-se com uma falta de informação fundamental. Que se passa? Contra quem o mandaram agir? Em que sarilho o procuram meter? E que fazer se receber ordens mais perigosas que excedam a simples intimidação?

Bastante mais tarde o Imediato ganha coragem e tenta informar o Comandante do que tem conhecimento do que se está a passar. Poderia tê-lo feito umas horas mais cedo? E teria isso evitado o incidente? Talvez!... Mas o Com^{te}. Louçã, absorvido pela manobra do navio, e naturalmente irritado por uma situação que não compreendia, nem o quis ouvir.

O aparecimento inesperado da fragata frente ao Terreiro do Paço, lança a consternação entre as forças militares que ocupam a praça. Naturalmente elas desconhecem que a Gago Coutinho, cujo armamento principal é constituído por duas peças binadas de 76mm, eficazes contra alvos navais ou aéreos mas pouco próprias para tiro contra alvos terrestres, é mais ameaçadora que perigosa.

E desconhecem também qual a intenção real do seu Comando. Será mesmo capaz de abrir fogo? E se o fizer, como ripostar, ou como agir?

Felizmente a situação evolui rapidamente. Os Ministérios rendem-se e os ministros rendem-se ou fogem. As forças enviadas para contrapor ao destacamento comandado por Salgueiro Maia rendem-se, ou adrem ao levantamento. E a fragata, depois de umas horas de evoluções em frente ao Terreiro do Paço, acaba por fundear pacatamente em frente à

...///...

praça e mais tarde regressar ao Alfeite. Não houve qualquer acção beligerante, nem sequer tentativa de acção. Mas o susto ficou. Esse susto vai acabar por custar caro ao Comandante Louçã!

Iniciado o rescaldo do 25 de Abril, começaram inevitavelmente os ajustes de contas, que são consequências naturais de todas as revoluções ou contrarrevoluções. E as sanções recaem sempre mais sobre os que fizeram alguma coisa ou tomaram alguma atitude, do que sobre os que não fizeram nada. Escapam os oportunistas e os que docilmente se dobram, como as espigas do trigo à espera que passe o temporal.

As pressões dentro e fora da Marinha para que fosse sancionado o Comandante da fragata que tinha assustado os revolucionários do Terreiro do Paço foram poderosas. Mas o Almirante Pinheiro de Azevedo, que assumira entretanto o cargo de Chefe do Estado Maior da Armada, e que tinha muita consideração e amizade pelo Comandante Louçã, não estava muito pelos ajustes. Mandou entretanto levantar um inquérito ao então Comandante Naval do Continente, Comodoro Oliveira Neves.

Tive ocasião de eu próprio apreciar detalhadamente esse inquérito, pois o Pinheiro de Azevedo com a sua truculência característica, era incapaz de apreciar qualquer documento que tivesse mais de duas folhas, e pediu-me para o fazer em seu lugar. Assim fiz e tive que reconhecer que era um inquérito feito sobre o joelho, limitando-se à recolha de uns tantos depoimentos, nem todos, nem talvez os mais importantes, não esclarecendo as contradições registadas, nem apresentando análises e conclusões. Assim entreguei-lhe uma informação manuscrita (pois o despacho final teria que ser necessariamente feito por ele) na qual, apesar de se ter passado tanto tempo, me recordo de ter escrito: - Neste inquérito não se prova que o Comandante Seixas Louçã tenha agido como contrarrevolucionário, nem se põe em causa o seu espirito democrata e antiregime. Foi apenas vítima do azar das circunstâncias e talvez do seu ^(mau) feitio!"

Desconheço qual o despacho final do Almirante Pinheiro de Azevedo, mas recordo-me que, depois de conversarmos sobre o assunto, concordamos que em face das circunstâncias o Comandante Seixas Louçã teria que

ser exonerado de Comandante da fragata Gago Coutinho e aguardar em qualquer lugar discreto que a tempestade passasse, sem ser objecto de qualquer outra sanção. Isso mesmo comuniquei pessoalmente ao Comandante Louçã perguntando-lhe se haveria qualquer lugar na Marinha para onde ele gostasse de ir.

Infelizmente o Comandante Louçã, desgostoso com o ambiente que lhe tinha sido criado e sentindo-se ofendido na sua dignidade, requereu em Maio de 1974 a sua passagem à Reserva. Interrompeu assim bruscamente, devido ao azar de um único dia, uma brilhante carreira de militar e de marinheiro, em que soube conquistar o apreço, e muitas vezes a amizade, de todos que com ele serviram.

Dezembro de 1991

